

O MUNDO DA INFORMAÇÃO E AS NARRATIVAS: MEMÓRIAS E COTIDIANOS DA CIDADE INVENTADA

Sibéria Sales Q. de Lima*

“Somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos, [...] somos aquilo que lembramos.”
Norberto Bobbio

Resumo

Vivemos num turbilhão de imagens, sons, informações, que anuncia a decadência de algumas manifestações individuais e sociais. As formas de comunicação humana fazem parte da história da humanidade e estão intimamente ligadas aos processos tecnológicos e a seus avanços. Desse modo, é importante perceber que as narrativas sofrem um forte abalo, de acordo com Walter Benjamin, pois a desvalorização da narrativa é fruto da superação do ser humano pela técnica. Para esse autor, “as experiências estão em baixa”, tal constatação está alicerçada nas experiências do pós-guerra e revelam a crise vivida pelo ato de narrar e, conseqüentemente, pelo narrador. O presente artigo propõe o início de uma discussão que abarque a supervalorização da informação, a efemeridade dos meios de comunicação de massa e a constante desvalorização dos processos narrativos que interferem nos processos culturais.

Palavras-chave: Informação. Narrativa. Dialogismo. Tecnologia. Cultura.

INTRODUÇÃO

Em que mundo nós vivemos? Qual é a relação que mantemos com esse mundo? Como qualificar as nossas experiências? Qual é a importância da informação em comparação com as experiências vivenciadas e transmitidas? Como os estudos referentes às narrativas e à sua relação com a memória social podem contribuir para a história cultural?

Apesar de questões como essas se apresentarem com um caráter inicialmente generalizante, é interessante buscar refletir sobre alguns desses aspectos que, muitas vezes, são materializados numa forma de viver, pensar, produzir conhecimento, se comunicar e, também, ensinar.

É possível perceber que os processos de informação e de trocas de sentido se caracterizam pela pluralidade das formas de compreender a realidade, exigindo o surgimento de novas narrativas no processo de produção de conhecimento. Esse fato sugere a necessidade de reavaliarmos as condições da produção do saber hoje.

É nessa perspectiva que o presente artigo trabalha a narrativa e a informação, bem como os processos que interferem nessas duas práticas (narrar e informar).

Busca-se também sugerir futuros percursos de estudo e pesquisa em história cultural, uma vez que ela pode ser entendida como espaço de diálogo e trabalho entre diversas áreas do conhecimento.

* Mestre em Educação (UnB). Professora do curso de Graduação de Letras da Unitins (Fundação Universidade do Tocantins).

Tal estudo pode revelar aspectos importantes da constituição de uma história recente, vivenciada no contexto da capital do estado do Tocantins, Palmas, cidade “inventada” para ser o centro administrativo e político de um estado criado na constituição de 1988.

1 SOCIEDADE, MUDANÇAS E NARRATIVAS

Segundo Brandão (2008, p. 13), “as mudanças na sociedade atual, muitas delas ligadas à globalização, levam à sensação de aceleração do tempo, gerando instabilidade, porque tudo nos parece rápido demais”. E é essa sensação de “volaticidade”, de efemeridade, que Brandão defende como uma das causas de uma possível “homogeneização” que acarretaria uma fragmentação de informações e dos contatos, o que interfere nos processos que envolvem a constituição da memória individual e, conseqüentemente, da memória social.

Narrar é, sempre, contar alguma coisa, contar algo, e para isso é necessário que se considere o homem que existe por trás dessa narrativa, seus anseios, seus desejos, suas dúvidas, considerando, também, que o homem sempre desejou deixar registrado para os seus semelhantes as suas experiências.

O veículo suporte dessas narrativas acompanhou a evolução histórica desse homem narrador, contador de histórias, passando da fala/oralidade para os livros impressos, e atualmente se disseminando por suportes eletrônicos, tais como o rádio, a televisão e, mais recentemente, a web. Mudando os suportes das narrativas mudaram também a relação do homem com o tempo e com o fazer narrativo.

Seja por meio de processos eletrônicos, web, televisão, cinema; seja por meio de pinturas rupestres, o homem sempre procurou contribuir com o seu legado para a humanidade.

As narrativas possuem o dom de eternizar princípios morais e éticos, podendo também, ser

encaradas como redentoras, pois quem nunca ouviu falar de “Mil e uma noites” e de sua famosa narradora Sherazade que escapa da morte por meio da narração? A narração, nesse sentido, preserva a vida e cria laços afetivos, laços de carinho e afeição que superam o medo e as inseguranças, além de transmitir conhecimentos e valores morais e éticos.

Narrar é, portanto, reinventar o imaginário, o mundo e, nesse sentido, o ato de narrar ganha uma força criadora geradora de sentidos e significados por meio de uma articulação entre o tempo, o fato, o espaço e os personagens.

Apesar das reconhecidas conquistas trazidas pelo livro impresso, pelas tecnologias digitais e pela imprensa, de modo geral, também é necessário refletir sobre as mudanças que essas conquistas nos impõem nos processos narrativos.

Chartier (apud SOARES, 2002, p. 42) chega a afirmar que o “texto na tela é uma revolução no espaço da escrita que altera fundamentalmente a relação do leitor com o texto, as maneiras de ler e os processos cognitivos.”

Chartier (1999, p. 12) afirma:

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo na Antiguidade, ou do leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas.

Desse modo, mudaram os suportes textuais, mudaram as maneiras de narrar. A narração oral permanece, porém se transmutou em novos gêneros discursivos e se mantém viva em outras modalidades narrativas, tais como os romances, os folhetins, a mídia de modo geral e outros processos narrativos com suportes mais modernos, em especial com suporte audiovisual.

As narrativas se apresentam, portanto, como um elemento de registro dos processos que interferem

na história cultural das sociedades, podendo ser um caminho para a exploração da história recente de grupos sociais também considerados recentes em sua formação ou constituição.

Admitindo a polissemia do termo “cultura”, e compreendendo que outras definições também são pertinentes, partimos do conceito de cultura oferecido por Brandão (2008 p. 21):

cultura é o acervo de conhecimentos, usos e costumes dos diferentes grupos como resultado de todas as experiências pessoais, objetivas e subjetivas, vividas por cada indivíduo e, também, as trazidas como “herança” dos grupos familiares e sociais mais amplos dos quais participam ao longo da vida.

Nesse sentido, as experiências condensadas na memória individual refletirão as experiências sociais vivenciadas, logo serão expressões de uma dada comunidade sócio-histórica e produto daquela cultura em questão.

Desse modo, as experiências vivenciadas e presentes na memória poderão ser recuperadas e novamente trazidas à tona pelas narrativas autobiográficas. Daí inferirmos sobre o papel importante dessas narrativas como registro de um modo de pensar, de conviver e de representar simbolicamente as experiências vividas.

Benjamin (1981), afirma que “as experiências estão em baixa”. Tal constatação está alicerçada nas experiências do pós-guerra. Naquele momento, após a primeira guerra mundial, o que se imaginava era a supremacia das trocas de experiências em forma de narrativas. No entanto, o que se percebia era a pobreza das experiências, pois os ex-combatentes voltavam silenciosos da guerra, muito mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos como se podia imaginar.

Para Benjamin, há uma relação estreita entre esse silêncio e o desenvolvimento da técnica que se sobrepôs ao homem.

Os narradores, para Benjamin, são constituídos pela experiência, sendo essa considerada como a fonte principal dos narradores. A verdadeira narrativa tem o compromisso de contribuir com conselhos que foram gerados pelas experiências vividas.

Desse modo, a polifonia, o dialogismo defendido como princípio constitutivo da linguagem, por Bakhtin, instaura um discurso em movimento:

Aquele que usa a língua não é o primeiro falante que rompeu pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo. Ele pode contar não apenas com o sistema da língua que utiliza, mas também com a existência dos enunciados anteriores. [...] cada enunciado é um elo na cadeia complexa e organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2006 p. 268)

Desse modo, o discurso em construção contínua pelo ‘eu’ que fala _ esse ‘eu’ que é interpelado por uma série de discursos anteriores aos seus _ sugere uma construção dialógica. No caso das narrativas, a construção dialógica é realizada por meio da narração do sujeito e de todas as narrações que o interpelam de modo a produzir uma experiência dentro de outras experiências.

Deste modo, se dar conselhos não é tão relevante quanto antigamente, tal fato compromete as narrativas defendidas por Benjamin, comprometendo o tecido dialógico dessas narrativas sociais.

Para Walter Benjamin (1981), essa mudança se reflete na figura do narrador. Em seu texto “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Benjamin anuncia que os narradores eram aqueles que se encontravam entre os mestres e os sábios, eram homens que sabiam dar conselhos, transmitir experiências. Ora, se dar conselhos tornou-se antiquado na sociedade e se essa sociedade tem valorizado os processos em que as informações são incontáveis e circulam velozmente, fica subentendida a “falência” da narrativa diante da supremacia das informações.

O que se observa é que as experiências, ponto de encontro entre as gerações, estão deixando de ser comunicáveis, pois dar conselhos, segundo Benjamin (1981, p. 200) “é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria”.

A transmissão rápida de informações por meios de comunicação de massa, tais como a televisão, por meio do telejornalismo ou da internet, por meio dos *sites* de jornais, nos levam a ponderar sobre aspectos que redefinem a narrativa, pois para Benjamim (1998), “se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável pelo seu declínio”.

Brandão (2008, p. 24) afirma que a “sobrecarga de informações, aliada à aceleração sentida do tempo, ‘embaça’ os conteúdos, pontos de referência e muitas vezes as identidades”. Nesse sentido, se nos perguntamos “quem sou eu”, a resposta deverá considerar que é na linguagem, no encontro, no diálogo que estabelecemos entre o “eu e o outro” que se constituem as identidades numa perspectiva de discurso e, conseqüentemente, de narrativas.

As três últimas décadas foram expressivamente importantes para o desenvolvimento das tecnologias ligadas à informação e à sua difusão; vive-se hoje numa profusão de acontecimentos que intensificam a relação imediatista do homem com a informação, com o outro e com a sociedade da qual ele faz parte. As notícias chegam de forma vertiginosa a todo instante e:

verificamos que com a consolidação da burguesia – da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes – destacou-se uma forma de comunicação que por mais antigas que fossem suas origens nunca havia influenciado decisivamente a forma épica. Agora ela exerce essa influência. Ela não é estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora e, de resto, provoca crise no próprio romance. Essa nova forma de comunicação é a informação. (BENJAMIN, 1998, p. 202)

A informação tem como característica o fato de ser “autoexplicativa”, o que minimiza a potencialidade criativa do leitor/ouvinte. E, por fim, compromete a experiência que não poderá mais ser vivenciada a partir do fato informado. A simultaneidade temporal das informações é outra característica desse tipo de comunicação. É importante lembrar que a metade da arte narrativa, tal como explora Benjamim (1998, p. 47), “está em evitar explicações”. Assim, o leitor se vê livre para interpretar, tirar suas conclusões sobre o fato narrado, sobre a história.

E sendo livre para essa interpretação, o episódio narrado ganha uma amplitude, uma dimensão que não existe na informação e que essa não poderá alcançar. A efemeridade da informação é contraposta ao poder da narrativa de perpetuar-se na memória dos leitores/ouvintes. Concisa, a narrativa se reserva a não traçar perfis psicológicos, trazendo uma contextualização inicial, sendo comum a valorização da oralidade.

Desse modo, a história da narrativa pode ser confundida com a história de seus contadores, pois ao contá-las o sujeito é tomado de uma força criadora e tece a sua contribuição para a rede de narrativas que se fez antes dele e continuará após ele. No entanto essa rede narrativa está sendo rompida. Ela se desfaz, “por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual” (BENJAMIN, 1998, p. 205).

E, se não há espaço para trocas de experiências, por ser o homem de hoje incapaz de cultivar o que não pode ser abreviado, comprometem-se, portanto, as narrações sucessivas e as construções dialógicas imanentes dessas práticas.

Para Bakhtin (1986), o dialogismo é condição do sentido do discurso. Para esse teórico, o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso, sendo que esse dialogismo ocorre na interação verbal, entre o enunciador e o enunciatário.

Logo, se na comunicação moderna, a transmissão de informações não prevê uma interação que viabiliza uma troca efetiva de experiências, pode-se concluir que tais processos comprometem o dialogismo capaz de constituir sentidos que antes eram privilegiados pelas narrativas.

Seria interessante observar que se o narrador mantém uma relação manual “artesanal” que une o cotidiano, as experiências e a linguagem, hoje a informação se apresenta como um perigoso estratagema no qual a linguagem se apresenta como algo volátil e rapidamente substituível, transformando em produtos as palavras que circulam entre as pessoas.

A decadência da sabedoria, defendida por Benjamin, dialoga com a tese de que não nos tornamos sábios pelo acesso às informações, mas sim menos sábios por nossa incapacidade de “experienciar” e de narrar nossas experiências.

O que se percebe, também, é que as relações de produção técnica são capazes de alterar o fluxo da narrativa, tal como já defendido neste artigo, alterando também a relação que se tinha com a temporalidade dos fatos.

2. HIPERTEXTO: NARRATIVAS E LEITURAS

Os processos que nos levam ao conhecimento e à experiência com a temporalidade se modificam na medida em que surgem novas tecnologias que redirecionam o tempo e o saber.

Pierre Lévy (1995) apresenta três diferentes momentos de transformação do homem na sua relação com a linguagem. O propósito de Lévy é discutir os efeitos das tecnologias da inteligência nos modos de conhecimento e subjetivação na contemporaneidade.

O primeiro momento, denominado tempo da oralidade primária, é um tempo no qual a linguagem e a memória eram dois aspectos de um mesmo fenômeno. A

organização temporal da narrativa desenhava o tempo como circular. Nesse momento as histórias eram contadas de boca em boca, preservando uma estreita relação entre a vida, a linguagem e a memória. Valorizava-se, então, a experiência transmitida oralmente. O tempo se repetia na linguagem, no recontar das histórias. A experiência, as histórias, as ideias que não fossem retomadas, recontadas e/ou repetidas em voz alta estavam fadadas ao desaparecimento. O conhecimento, então, se constituía na reiteração da narrativa oral e a linguagem fazia com que a experiência circulasse com o tempo.

Todo o conhecimento, toda a cultura do homem estava na possibilidade de manutenção, ou não, do círculo vivo e progressivo das lembranças. E é nesse momento que a invenção da escrita vai, contudo, interromper o círculo das narrativas orais, inaugurando, assim, um segundo momento.

O segundo tempo, denominado “tempo da escrita”, vai interferir de forma decisiva no modo de conhecer. Ao escrever a sua história, o homem rompe com o fluxo temporal e inaugura uma nova experiência com a temporalidade. A escrita inaugura um momento de ruptura entre o homem e sua memória, bem como com a forma de produzir conhecimentos.

Já o terceiro momento é marcado pelos avanços tecnológicos, em especial pelos avanços na área da informática e do processamento de dados e informações, também caracterizado pela importância dos veículos de transmissão de massa, tais como televisão, rádio e internet.

Nesse novo universo, a memória humana passa a ser auxiliada por processos tecnológicos. O homem se aproxima, ou se funde às máquinas de informação. Sua memória se automatiza a ponto de nos questionarmos sobre até que ponto a nossa memória é capaz de satisfazer aos processos nos quais somos inseridos.

O hipertexto é uma das práticas comuns a esse terceiro momento, e já era verificado na literatura, mas

foi consolidado, ou ainda, potencializado, turbinado, pelos computadores e pela internet.

O hipertexto, segundo Lévy (1999), é constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências, músicas etc.) e por *links* entre esses nós, referências, notas, ponteiros, “botões” indicando a passagem de um nó a outro. O hipertexto pode ser uma metáfora para explicar o pensamento moderno, a forma de produção de conhecimento, a forma como nos tornamos cada vez mais interligados aos processos rizomáticos de leitura e escrita. O que nos leva a refletir sobre nossas experiências narrativas.

Desse modo, o pensamento pode ser representado como um hipertexto que se ramifica, construindo, na confluência de diferentes vozes e imagens, um equilíbrio que envolve o espaço, o tempo e o sujeito.

É importante ressaltar que, nessa perspectiva hipertextual, intervir no fluxo da narrativa permitirá que a simultaneidade e a transversalidade da experiência sejam representadas no espaço e no tempo.

Para Walter Benjamin (1996, p. 34), “nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento de barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura”. Isso nos leva a considerar que os processos tecnológicos que envolvem a narrativa proporcionarão alterações sobre a forma de narrar e sobre a forma de entender essas narrativas. Exige-se, portanto, uma reflexão e tomada de consciência dos efeitos que a tecnologia traz para a experiência humana.

Embora sejam evidentes as conquistas trazidas pela tecnologia para o progresso da humanidade, é evidente a necessidade de uma atitude crítica, para que não sejamos contagiados pelo excesso de otimismo, que beira a ingenuidade, que tomou conta da humanidade na época moderna.

Confirmndo as teses defendidas por Pierre Lévy, Walter Benjamin afirma que:

[...] a escrita, que no livro impresso havia encontrado um asilo onde levava sua existência autônoma, é inexoravelmente arrastada para as ruas pelos reclames e submetida às brutais heteronomias do caos econômico. Essa é a rigorosa escola de sua nova forma. Se há séculos ela havia gradualmente começado a deitar-se, da inscrição ereta tornou-se manuscrito repousando oblíquo sobre a escrivainha, para afinal acamar-se na impressão, ela começa agora, com a mesma lentidão, a erguer-se novamente do chão. Já o jornal é lido mais a prumo que na horizontal, filmes e reclames forçam a escrita a submeter-se de todo à ditatorial verticalidade. E, antes que um contemporâneo chegue a abrir um livro, caiu sobre os seus olhos um tão denso turbilhão de letras cambiantes, coloridas, conflitantes, que as chances de sua penetração na arcaica quietude do livro se tornaram mínimas. Nuvens de gafanhotos de escritura, que hoje já obscurecem o céu do pretense espírito para os habitantes das grandes cidades, se tornarão mais densas a cada ano seguinte. (BENJAMIN, 1987, p. 28)

O ato de ler tem sido modificado, ao longo do tempo. Também tem sido transformada a forma de informar e é nesse fluxo de modificações e transformações que vemos nascer algumas questões determinantes: O que será das narrativas? Qual o espaço destinado a elas? Qual a sua importância para a sociedade contemporânea? Como as narrativas se fazem presentes na cotidianidade urbana?

O jornalismo pode ser compreendido como fenômeno de massa que está associado ao folhetim e, portanto, às narrativas. A estrutura folhetinesca, que unia narração à informação, predominante no século XIX, e atualmente remodelada de acordo com os parâmetros da contemporaneidade, poderia ser um campo a ser estudado como perspectiva de gênero textual contemporâneo que une memória individual e social, informação, comunicação, narrativa e hipertexto.

3 PALMAS, A CIDADE INVENTADA: UM CONTEXTO DE PESQUISA

Tal como defende Chartier (1990, p. 16), “a história cultural, tal como a entendemos tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

O espaço reivindicado pela história cultural é eminentemente interdisciplinar, conjugando várias formas de analisar os fenômenos, vários olhares, várias disciplinas que podem contribuir para a elucidação dos aspectos limítrofes de uma dada realidade.

Ainda, segundo Chartier (apud KUYUMIJIAN; MELLO, 2008, p. 18):

“[...] pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse.

A proposta de trabalho deste artigo é a busca de sentidos e a construção de reflexão acerca das narrativas e das informações veiculadas pelos jornais locais da cidade de Palmas, via meio impresso e digital, confrontando narrativas de moradores locais, em especial aqueles oriundos de outras localidades, com as informações que tratavam da vinda desses imigrantes para aquela cidade.

Como foram percebidas as narrativas e as informações sobre os habitantes que deram vida ao projeto de cidade-capital do estado do Tocantins? Quais são as experiências relatadas sobre a migração?

Cidade jovem, a pedra fundamental de Palmas foi lançada no dia 20 de maio de 1989, dando início à construção da última cidade planejada do século.

Com território desmembrado do antigo município goiano de Taquarussu, que passou a fazer parte, como distrito, do município de Palmas, junto com Taquaralto e com o município de Porto Nacional, a capital definitiva do estado do Tocantins foi instalada no dia 1º de janeiro de 1990, e os poderes constituídos foram transferidos da capital provisória, Miracema, para o plano diretor da nova cidade.

O nome, Palmas, foi escolhido em homenagem à Comarca de São João da Palma, sede do primeiro movimento separatista da região, instalada em 1809 na barra do rio Palma com o rio Paraná.

Desde o século XIX, a ideia de separar as porções norte e sul de Goiás já alimentava movimentos populares. Em 1821, uma revolta separatista explode ao norte de Goiás. Em protesto contra o isolamento da região, promovido pelo rei D. João VI, o Desembargador Joaquim Teotônio proclama o governo autônomo do Tocantins.

A revolta é dominada por Caetano Maria Gama, primeiro Presidente da Província, nomeado por D. Pedro I, em 1824. No início do século, a ideia é retomada, mas só a partir da década de 70 passa a ser seriamente discutida no Congresso.

Em 1988, com a promulgação da atual Constituição Federal, finalmente, a área que viria a ser o estado do Tocantins é desmembrada do estado de Goiás, tendo como capital o município de Palmas, criado pela resolução n.º 28, de 29 de dezembro de 1989.

Uma cidade criada no meio do cerrado, com a pretensão de ser o coração do Brasil, dado o centro geodésico do país ser localizado na praça central do município, Palmas necessitava de mão de obra para a sua criação, bem como para o funcionamento de seus serviços.

Inicialmente o que se observa e precisa ser explorado por meio de pesquisas e investigações é o movimento de incentivo para a migração de profissionais

de diversas áreas. Muitos gaúchos, mineiros, maranhenses e imigrantes de todas as partes do país atenderam aos apelos que incentivavam a migração e se mudaram para Palmas.

Desse modo, compreender Palmas como uma possibilidade de verificação dessas narrativas de imigrantes, bem como das informações veiculadas sobre essa questão será a constituição de uma perspectiva de investigação de problemas igualmente encontráveis em unidades sociais maiores ou menores.

Tal estudo pode constituir-se num modelo explicativo que poderá fornecer subsídios para pesquisas e investigações em outras situações parecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante continuar à procura das respostas às antigas e às novas indagações sobre o processo do texto, da informação e da narrativa que o nosso tempo necessariamente nos impõe.

Inicialmente, se o livro parece nos exigir uma concentração, uma leitura mais detida da escrita e das prováveis ilustrações, por outro lado, por influência dos processos tecnológicos, a leitura que fazemos das imagens-signos que emergem do computador, da televisão, dos jornais impressos etc., e que circulam de forma intermitente nos propõe uma forte tendência à dispersão. Ou seja, uma nova forma de lidar com a informação e o conhecimento já nos habita como leitores, porém, entra em conflito com antigas formas de leitura. Que aprendizados poderíamos desenvolver a partir dessa experiência? Que narrativas emergem dessas novas tecnologias de informação?

Essa “efervescência” prenuncia uma necessidade de novos conceitos sobre leitura e escrita que incorporem a experiência com imagens-signos, enfim, que explicitem uma compreensão crítica da experiência do homem com o mundo virtual.

Entretanto seria interessante lembrar que o livro continua tendo um lugar fundamental nessa rede híbrida, agora ao lado de novos suportes textuais. Porém, a cada momento, surgem novas narrativas para serem decifradas e interpretadas pelos sujeitos que nascem e se criam na civilização da imagem.

Refletir sobre a forma/estrutura dessas narrativas e sobre o seu papel diante de um mundo imerso em informações, talvez seja a única forma de reconstruir o entendimento do ato de narrar e suas contribuições para a sociedade moderna, além de sinalizar a sua relevância para a história cultural e para o entendimento de comunidades narrativas relativamente jovens, como é o caso de Palmas.

THE WORLD'S INFORMATION AND NARRATIVES, AND MEMORIES OF EVERYDAY CITY INVENTED

Abstract

We live in a flurry of images, sounds, information that announces the decay of some individual and social events. The forms of human communication are part of human history and are closely linked to technological processes and their progress. Thus, it is important to realize that the narratives suffer a heavy blow, according to Walter Benjamin, since the devaluation of the narrative is the fruit of the human being overrun by technology. To this author, “the experiences are low,” this observation is based on the experiences of post-war and reveals the crisis experienced by the act of narrating and, consequently, the narrator. This article proposes the beginning of a discussion covering the overvaluation of the information, the frailty of the mass media and the constant devaluation of

the narrative processes that contribute to cultural processes.

Enviado em 30 de abril de 2011
Aprovado em 28 de novembro de 2011

Keywords: Information. Narrative. Dialogism. Technology. Culture.

REFERÊNCIAS

BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 2003.

BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*, Vol. I. São Paulo: Brasiliense. 1996.

_____. A doutrina das semelhanças. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*, Vol. I. São Paulo: Brasiliense. 1996.

_____. Rua de mão única. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas II*, Vol. I. São Paulo: Brasiliense. 1987.

_____. Arte e técnica, magia e política. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas II*, Vol. I. São Paulo: Brasiliense. 1987.

BRANDÃO, V. M. A. T. *Labirintos da memória: Quem sou?* São Paulo: Paulus, 2008.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

ELIAS, N. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

KUYUMIJIAN, M. M. M.; MELLO, M. T. N. (Org.). *Os espaços da História Cultural*. Brasília: Paralelo 15, 2008.

LEVY, P. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.